

CIPRIAN VĂLCAN

# CIORAN

*Um aventureiro  
imóvel*

30 ENTREVISTAS



Ciprian Vălcan

**CIORAN**  
**UM AVENTUREIRO *IMÓVEL***  
**30 ENTREVISTAS**

**Tradução, prefácio, notas e cronologia:**

Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes



ÁTOPOS EDITORIAL

Patrice Bollon, Paulo Borges, José Thomas Brum, Massimo Carloni, Nicolas Cavallès, Livius Ciocârlie, Sylvain David, Aurélien Demars, Antonio Di Gennaro, Joshua Foa Dienstag, Philip Dracodaïdis, Farkas Jenö, Michael Finkenthal, Aleksandra Gruzinska, Aymen Hacen, Liliana Herrera (†), Roland Jaccard (†), Ireneusz Kania, Fernando Klabin, Jacques Le Rider, Ger Leppers, Marco Lucchesi, Joan M. Marín, Dan C. Mihăilescu, Marta Petreu, Vincent Piednoir, Flamarion Caldeira Ramos, Mario Andrea Rigoni (†), Giovanni Rotiroti, Constantin Zaharia.

Título original: *Cioran, un aventurier nemișcat. Treizeci de interviuri.*

© Ciprian Vălcan (1973-)

© Editura All (2015)

© Editorial UTP (2018)

© *Átopos* Editorial (2023)

Vălcan, Ciprian

Cioran, um aventureiro imóvel [livro eletrônico]: 30 entrevistas / Ciprian Vălcan ; tradução, prefácio, notas e cronologia: Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes. -- 1. ed. -- São Paulo : Átopos Editorial, 2023. [PDF]

Título original: *Cioran, un aventurier nemișcat: Treizeci de interviuri.*

ISBN: 978-65-85286-00-8

1. Cioran, Emil, 1911-1995 - Crítica e interpretação 2. Entrevistas 3. Filósofos romenos  
I. Título.

23-144899

CDD-199.498

Índices para catálogo sistemático: 1. Filosofia romena 199.498

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-85286-00-8

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à  
*ÁTOPOS EDITORIAL*.

Edição: Rodrigo Inácio R. Sá Menezes

Tradução: Rodrigo Inácio R. Sá Menezes

Capa: ATOPIX Design

Projeto gráfico: ATOPIX Design

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

# ÍNDICE

## PREFÁCIO

*A aventura da interpretação: uma polifonia “cioranesca”*

**Rodrigo Inácio R. Sá Menezes**

p. 10

## ENTREVISTAS

[01] *“Cioran era um dândi intelectual”*

**Patrice Bollon (França)**

p. 17

[02] *Cioran, budismo e filosofia ocidental*

**Paulo Borges (Portugal)**

p. 23

[03] *“Pessoa é o irmão português de Cioran”*

**José Thomaz Brum (Brasil)**

p. 31

[04] *“Cioran parte de onde Nietzsche parou”*

**Massimo Carloni (Itália)**

p. 35

[05] *“Pelo estilo e desafios do seu pensamento, Cioran é único no século 20”*

**Nicolas Cavallès (França)**

p. 41

[06] *“Cioran era um sedentário sem pátria intelectual, um aventureiro imóvel”*

**Livius Ciocârlie (Romênia)**

p. 47

[07] *Cioran: um heroísmo às avessas*

**Sylvain David (Canadá)**

p. 55

[08] “*Se há um gesto nietzschiano em Cioran, é o de destruir as suas próprias tendências nietzschianas*”

**Aurélien Demars (França)**

p. 61

[09] “*Cioran é um profundo contemplativo e um dos mais importantes filósofos do século 20*”

**Antonio di Gennaro (Itália)**

p. 67

[10] *Cioran e a tradição do pessimismo*

**Joshua F. Dienstag (EUA)**

p. 73

[11] “*Cioran era um solitário para além da solidão*”

**Philip Dracodaïdis (Grécia)**

p. 79

[12] “*Cioran é o mais ‘monografado’ dos escritores*”

**Farkas Jenő (Hungria)**

p. 83

[13] “*Cioran é muito distinto dos seus contemporâneos*”

**Michael Finkenthal (Israel)**

p. 89

[14] *Cioran, Bach, Gombrowicz*

**Aleksandra Gruzinska (Polônia/EUA)**

p. 95

[15] “*Minha filha, Alma, de um ano, será leitora de Cioran*”

**Aymen Hacen (Tunísia)**

p. 100

[16] *Cioran: o voluptuoso, o insolúvel*

**Liliana Herrera (Colômbia) †**

p. 105

[17] “*Cioran, esse vândalo dos Cárpatos*”

**Roland Jaccard (França) †**

p. 111

[18] “Cioran é o grande mestre das ‘verdades amargas’ da existência”

**Ireneusz Kania (Polônia)**

p. 113

[19] “O que me atrai em Cioran é a originalidade, a coragem, a provocação, a tonicidade, a poesia, a ruptura da metáfora fossilizada”

**Fernando Klabin (Brasil)**

p. 119

[20] “Cioran representa uma tradição segundo a qual pensar e escrever são inseparáveis”

**Jacques Le Rider (França)**

p. 125

[21] “Cioran dominava a arte de divertir o leitor”

**Ger Leppers (Holanda)**

p. 129

[22] “Cioran é graffiti para escrever nas paredes da cidade, por engajamento cívico”

**Marco Lucchesi (Brasil)**

p. 133

[23] “Cioran é um carrasco de ilusões”

**Joan M. Marín (Espanha)**

p. 139

[24] “O meu Cioran é o ‘caso’, o apaixonado por tudo que é extraviado, dilaceração, fracasso, estilhaçamento, aporia, nada”

**Dan C. Mihăilescu (Romênia)**

p. 145

[25] “Cioran atinge o leitor na cabeça exatamente como um grande poeta”

**Marta Petreu (Romênia)**

p. 151

[26] “Cioran dura porque resiste às interpretações, porque se dirige a cada um”

**Vincent Piednoir (França)**

p. 159

[27] *“Cioran se aproxima de filosofias antigas que propunham uma abordagem terapêutica em vez de teorias”*

**Flamarion C. Ramos (Brasil)**

p. 165

[28] *“Leopardi e Cioran pertencem à mesma família espiritual”*

**Mario A. Rigoni (Itália) †**

p. 171

[29] *“Sem a possibilidade soberana do suicídio, a vida seria insuportável”*

**Giovanni Rotiroti (Itália)**

p. 179

[30] *“Para mim, Cioran sempre foi um melancólico”*

**Constantin Zaharia (Romênia)**

p. 185

## **CRONOLOGIA**

p. 195

## **BIBLIOGRAFIA**

*Livros de Cioran e bibliografia crítica-exegética*

p. 204

## **SOBRE O AUTOR**

p. 209

*On est beaucoup plus franc dans une conversation que dans un livre. C'est pour cela qu'il est infiniment plus important de pratiquer un écrivain que de le lire.*

[A gente é muito mais franco numa conversaço do que num livro. É por isso que é infinitamente mais importante praticar um escritor do que lê-lo.]

CIORAN, *Cahiers* : 1957-1972

## A aventura da interpretação: uma polifonia “cioranesca”

**C***ioran, um aventureiro imóvel* reúne 30 entrevistas ou conversações sobre a obra desse que se declarou um “secretário das suas sensações”, um “pensador orgânico” para quem a vida – “essa grande Desconhecida” – sempre foi a matéria-prima da reflexão filosófica e da criação literária. São intercâmbios “cioranianos”, diálogos filosóficos e literários mantidos por Ciprian Vălcan ao longo de anos, no melhor espírito cosmopolita. São apresentadas aqui 30 vozes, algumas consonantes, outras dissonantes, 30 *logoi* que giram em torno de um interesse (e uma paixão) em comum: o filósofo, o pensador, o escritor, o caso, o enigma, o paradoxo ambulante, o compatriota expatriado, o ilustre estrangeiro, o amigo, o homem de carne e osso que nasceu em Rășinari, em 1911, e faleceu em Paris, em 1995 – Cioran.

Pela primeira vez em língua portuguesa, o livro de Vălcan vem somar-se à fortuna crítica e exegética dos estudos cioranianos, ainda incipiente no Brasil. Mas também é uma leitura indicada para o grande público que deseja conhecer mais sobre o autor romeno de expressão francesa. *Cioran, um aventureiro imóvel* é um valioso aporte crítico-hermenêutico tanto para a pesquisadora acadêmica como para o leitor sem nenhuma formação filosófica. Em termos propedêuticos, os 30 pontos de vistas

## Prefácio

sobre Cioran compilados aqui são iluminadores em si mesmos e pela constelação hermenêutica que formam em conjunto, confirmando a observação de Marta Petreu de que “os grandes autores guardam uma riqueza escondida que só a complementaridade das interpretações traz à luz.”

A biógrafa resume bem a que se propõe este livro de Vălcan: dar uma visão geral, por aproximações e variações de perspectiva – uma espécie de “retrato falado”, esboçado polifonicamente por um coro de 30 vozes – do enigmático autor de livros como *Nos cumes do desespero*, *O Livro das ilusões*, *Sobre a França*, *Breviário de decomposição*, *Silogismos da amargura*, *História e utopia*, *A Queda no tempo*, entre tantos outros. Vălcan recolhe impressões, *insights*, memórias, correspondências, anedotas, críticas e interpretações as mais variadas – às vezes inusitadas. Como um detetive “cioranescos”, formula um punhado de perguntas-chave e justapõe uma série de depoimentos que – pela dialética entre consonância e dissonância, convergência e divergência – engendram uma imagem paradoxal, o perfil de um autor sem um perfil definido, a identidade de um homem sem identidade, “um estrangeiro para a polícia, para Deus, para mim mesmo”.

### *Querela das interpretações*

Como Nietzsche, Cioran é um pensador de muitas *peles* – ou “máscaras”<sup>1</sup> (tantas quanto exigem as suas solidões). “Nietzsche é uma soma de atitudes, e é rebaixá-lo procurar nele uma vontade de ordem, uma preocupação de unidade”, diz Cioran em *A tentação de existir*, fazendo uma autoconfissão indireta – por um *détour* em Nietzsche. Essa natureza fragmentária e polifônica, proteiforme e insólita, titânica e temerária, nos coloca um tremendo desafio hermenêutico. Aqui, nos deparamos com a questão das *condições de possibilidade* e dos *limites* da interpretação de uma obra que parece admitir todas as interpretações e, ao mesmo, rejeitá-las uma a uma. Há algo de *não-interpretável* na obra de Cioran (como na de Nietzsche): uma *singularidade* irreduzível, indefinível, derivada da relação entre *temperamento* e *estilo*.<sup>2</sup>

Dito isso, nenhuma unidade subjacente às interpretações propostas pelas 30 personalidades entrevistadas por Vălcan. A multiplicidade de perspectivas suscitadas

---

1. Em ensaio sobre “o estilo como aventura”, Cioran afirma que o estilo é, ao mesmo tempo, “uma confissão e uma máscara”. CIORAN, *A tentação de existir*. Trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1988, p. 104.

2. “Se existe uma relação entre o ritmo fisiológico e a maneira de escrever de um escritor, por maioria de razão existirá uma relação entre o seu universo temporal e o seu estilo.” *Ibid.*, p. 103.

por *um mesmo autor, uma mesma obra*, poderia ter como o seu corolário: dois leitores de Cioran, três interpretações da sua obra. Neste sentido, a polifonia das interpretações é um reflexo da polifonia discursiva da própria “obra” – magistral *désœuvrement* – em questão: uma “obra” sumamente fragmentária, como uma “escritura do desastre” (Blanchot), sincopada e assistemática, como a existência mesma. Cioran anota nos seus *Cahiers*: “Sobre todas as coisas, eu tenho *pelo menos* dois pontos de vista divergentes. De onde a minha indecisão teórica e prática.” Essa “indecisão”, contagiante, não falha em manifestar-se na exegese cioraniana. Como sustentar uma interpretação simples, única e definitiva, de um pensador que não tinha um ponto de vista simples, único e definitivo sobre nada?

### *O método Vălcan*

Salvo exceções, quase todas as entrevistas são compostas das mesmas perguntas. São perguntas “protocolares” que Vălcan considera fundamentais a se fazer a qualquer interlocutor em diálogo sobre Cioran. A repetição tem a função de reforçar o contraste de convergências e divergências hermenêuticas entre os 30 entrevistados, estabelecendo eixos temáticos ao longo dos quais as interpretações se aproximam ou se distanciam. Cada uma das perguntas foi minuciosamente pensada e escolhida. Cada uma delas tem a sua pertinência, seja pela generalidade, seja pela inquirição minuciosa de índole crítica, hermenêutica ou epistemológica.

Vălcan quer saber como e quando os seus interlocutores tiveram um primeiro contato a obra de Cioran. É que a primeira leitura costuma ser impactante, por vezes dividindo a existência do leitor entre *antes e depois de Cioran*. “Revelação”, “epifania”, “choque”, “experiência-limite” transformadora e inesquecível. Fala-se das circunstâncias da descoberta, do primeiro livro, do efeito produzido, de como – em alguns casos – essa “obra” vertiginosa foi capaz de produzir uma profunda reviravolta nas suas vidas. Esta curiosidade em particular tem uma significação especial no caso do(a)s compatriotas de Cioran: tendo perdido a cidadania romena e censurado pelo regime comunista romeno recém-estabelecido, os seus livros só puderam voltar a circular livremente, e só passaram a ser devidamente reeditados, após a queda de Ceaușescu e do Muro de Berlim, ao final de 1989.<sup>3</sup>

---

3. Um artigo de Stelian Tănase, “Cioran vigiado pela Securitate”, publicado no *Cahier de l’Herne Cioran*, descreve como o “exilado metafísico” e muitos romenos no exílio eram permanentemente vigiados por espões da polícia secreta do regime comunista romeno (a Securitate era como a KGB

## Prefácio

A pergunta comparatista, tendo em vista o *estilo* e os *temas* de reflexão, pretende sondar cada interlocutor em busca de afinidades, cumplicidades, similitudes, aproximações e diálogos possíveis entre Cioran e outros nomes do universo intelectual europeu do século 20. Ela sugere duas coisas: primeiro, que o estilo e o teor da “obra” de Cioran são inseparáveis, como “unha e carne”; segundo, que os paralelismos podem se basear em uma das variáveis, nas duas, ou em nenhuma – há quem negue toda possibilidade de comparação. É interessante, neste ponto, que o razoável para uma intérprete pode ser impensável para o outro. Aqui, uma vez mais, entra em jogo a questão da singularidade, da originalidade, que pode levar ao clichê de que Cioran (ou qualquer outro autor) é simplesmente incomparável. Como observa justamente Vincent Piednoir, Cioran está entre os maiores “não por ser parecido a eles, mas por ser radicalmente diferente”. É daí que deriva a grandeza, a singularidade, o dom de exprimir o inefável, de elevar o que é único e muito particular ao plano do universal.

O interesse de Vălcan sobre os aspectos da “obra” que nos atraem de início, paralelamente aos que viemos a considerar relevantes após anos de frequência e familiarização com o texto, subentende o fato de que a “obra” em questão é como o rio de Heráclito: nunca idêntica a si mesma, sempre movente, em devir, de modo que a experiência de leitura assume, ela mesma, um caráter fluido, dinâmico, (co)movente. Ler Cioran é a experiência vertiginosa da ausência de fundamento, fixidez e solidez de todas as coisas – a começar pelas palavras, essas “sombras de realidade”, sem as quais, não obstante, cairíamos na idiotia ou cometeríamos suicídio... A sua obra revela o paradoxo de uma identidade que se afirma por negação e apagamento (*effacement*) de si. “Nós não somos realmente nós mesmos senão quando, colocados diante de si, já não coincidimos com nada, nem sequer com a nossa singularidade”, lê-se em *La Chute dans le temps*.<sup>4</sup> Assim fala o antropólogo dos Cárpatos, e essa antropologia é inseparável da sua poética, dessa sua “demiurgia verbal” de ares gnósticos.

Outra pergunta recorrente tem a ver com a relação histórico-filosófica entre Cioran e Nietzsche. Tendo em vista a inevitável (e muitas vezes precipitada) comparação entre os dois, é importante saber o que cada um pensa sobre essa relação, que poderia ser descrita, a partir de Harold Bloom, como um caso de “angústia da influência”. Pergunta “sintomática”, que serve de bússola, índice hermenêutico da constelação intelectual de

---

romena), que registravam cada detalhe das suas vidas no estrangeiro.

4. CIORAN, *La Chute dans le temps*, in *Œuvres*. Paris: Gallimard (coll. « Quarto »), 1995, p. 1071.

Cioran, bem como daquilo que o distingue, no que ele possui de único, em meio a ela. Ela diz muito não apenas sobre o nosso autor, sobre as influências que incidem sobre a sua formação intelectual, mas também sobre Nietzsche em particular, cujo *titanismo* é exaltado pelo próprio Cioran – a sua grandeza tresloucada, a sua genialidade temerária.<sup>5</sup>

Nesta e em outras perguntas as divergências interpretativas se mostram mais salientes. Mas, controvérsias à parte, é inegável – e aqui reside a pertinência da pergunta sobre Nietzsche – que haja certo parentesco, certa cumplicidade fisiológica e temperamental entre os dois pensadores. Como observa uma vez mais Vincent Piednoir, “ambos rejeitam a ideia de sistema, exploram o caminho do fragmento, introduzem o humor e a psicologia no cerne do pensamento, opõem-se ao racionalismo ocidental, têm uma profunda paixão pela música...”

### *Caleidoscópio “cioranesco”*

Os entrevistados de Ciprian Vălcan são intelectuais dos mais diversos *backgrounds*, personalidades proeminentes nas suas respectivas áreas, algumas das quais célebres nos seus países por conta das contribuições que fizeram às suas culturas. São biógrafos, tradutores, editores, professoras universitárias e pesquisadores das mais variadas especializações, escritores, poetas, amigos ou leitoras que se corresponderam com Cioran, e que tiveram, eventualmente, o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, na sua mítica mansarda na Rue L’Odéon, 21, em Paris.

*Cioran, um aventureiro imóvel* dá a conhecer uma ampla e heterogênea rede internacional de “cioranólogos” e “cioranólogas” (para empregar um termo de Marta Petreu). São intelectuais de países como França (6), Romênia (4), Itália (4), Brasil (4), Polônia (2), Hungria (1), Espanha (1), Portugal (1<sup>6</sup>), Holanda (1), Grécia (1), Colômbia (1), Tunísia (1), Israel (1), Canadá (1) e Estados Unidos (1).

---

5. “Nenhum sistema filosófico me deu o sentimento de um mundo independente de tudo o que não é ele. É doloroso, mas é assim: podeis ler todos os filósofos que quereis, nunca sentireis que vos tornastes um outro homem. Naturalmente, dentre os filósofos excludo Nietzsche, que é muito mais que um filósofo. [...] A presença do paraíso em Bach corresponde à sua ausência total em Beethoven. Isso significa que este último seja irreligioso? Beethoven é religioso pela tensão infinita que caracteriza seu trabalho de criador, exatamente como Nietzsche, cujo titanismo é de essência religiosa.” CIORAN, *O Livro das ilusões*. Trad. de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 164, 203-204.

6. A entrevista com Paulo Borges não foi traduzida do romeno. Utilizamos a versão original em língua portuguesa (de Portugal), publicada no blog “Serpente Emplumada”, em 21 de março de 2012.

## Prefácio

A edição brasileira de *Cioran, un aventurier nemișcat* vem com notas de rodapé elucidativas, sempre que necessárias a título de contextualização (sobretudo de personalidades da cultura e de termos da língua romena), além de notas com as referências completas de aforismos e passagens da obra de Cioran citados pelos 30 entrevistados. Ao final, a leitora encontrará uma cronologia da vida de Cioran, seguida de um índice bibliográfico e uma biografia de Ciprian Vălcan.

Uma vez que a edição original de *Cioran, um aventureiro imóvel* foi publicada em 2015, na Romênia, e que muitas das entrevistas datam de muito antes do ano da sua publicação, algumas das biografias introdutórias foram atualizadas para esta edição. Três dos entrevistados, por exemplo, já não estão entre nós: a professora Liliana Herrera, o nosso farol sul-americano nos estudos cioranianos, nos deixou em 20 de setembro de 2019. Roland Jaccard faleceria na mesma data, dois anos depois: cometeu suicídio dois dias antes de completar 80 anos. Por fim, outra grande perda é a de Mario Andrea Rigoni, amigo de Cioran que desempenhou um papel crucial para a sua difusão no mundo cultural italiano. O grande *leopardiano* nos deixou em 15 de outubro de 2021, após lutar longamente contra uma grave doença. *Cioran, um aventureiro imóvel* vai dedicado às suas memórias.

Curiosidade: “Aventureiro imóvel”, a fórmula paradoxal que dá título ao livro, é uma caracterização que Cioran faz de Jorge Luis Borges no perfil do escritor argentino contido em *Exercícios de admiração*. Como muitas outras representações que Cioran faz dos autores que lhe interessam, esta lhe cai como uma luva.

Rodrigo Inácio R. Sá Menezes

Janeiro de 2023